

A missão do medico, na hora atual

Dr. Carlos Carone

O mundo acha-se envolto numa atmosfera de confusão e de vício, de degradação e desespero, que nos torna deveras apreensivos. O mundo tornou-se mais estúpido e menos capaz de se compreender. O abastardamento chegou às culminancias da vertigem e, aos homens, foi tirado aquele resto de discernimento com que poderiam, ainda, recuperar o que abandonaram pelo caminho. Isso é dos nossos dias.

Infelizmente, essa tinha que ser a consequência fatal do embrutecimento da humanidade. Os métodos, idéias e sistemas, criações de cérebros enfermigos, "geniais" e "oportunistas", impostos audaciosamente nos dias turvos por que passaram alguns povos da Europa, onde a admirável França viu se desmoronarem os alicerces de sua multiseccular civilização, manifestam em vários recantos da terra suas horripilantes frutificações.

O interesse e a cobiça de algumas nações arrastaram-nas ao desespero e à loucura de uma guerra de extermínio. Ante a iminência do perigo que nos espreita, devemos acautelar-nos, tomando as mais extremas medidas de precaução.

Sem dúvida que, ao médico, cabe um papel desvelado nessa árdua tarefa. Si o sacrificio, a renúncia e o desprendimento formam a sua corôa de louros, não pôde ele ficar indiferente à hora que estamos vivendo, já que a Pátria, ameaçada por influências estranhas aos nossos desígnios de paz e de trabalho, na sua estrutura moral e material, exige que cada um de nós forme na primeira fila de seus defensores, pois, ninguém mais do que o médico conhece e sente melhor a vida. O médico se forma na rude escola da dôr, em contáto diário com todas as misérias humanas; conhece o homem nas suas fraquezas, angústia, conflitos, paixões e sofrimentos; conhece, em toda a sua cruesa, a realidade da doença no seio da família e desta no seio da sociedade, pois o médico entra em todos os lares, tomando conhecimento dos íntimos detalhes da vida privada dos indivíduos, intervindo mesmo, em questões de justiça e de ordem social.

A sociedade precisa do médico nas suas funções eugênica, sociológica e ética. Eis porque deve ele ser um orientador e defensor dos seus semelhantes. O doente não é apenas um infeliz digno de piedade, é também uma carga social, tendo o direito de ser socorrido.

Tratando com abnegação de um enfermo, presta um serviço imprescindível. Mais do que simples terapêutica, porém, os seus conhecimentos de biologia, a sua ascendência intelectual e moral, o seu valor social, exigem dele maior produtividade. Não é simplesmente assistindo aos doentes, aos sofredores, aos invalidos que um médico se desobriga de seus deveres profissionais. Sua assistência deve constituir, além de um ato

de filantropia, uma ação que envolva um benefício coletivo, pois a medicina é um todo a lutar pela saúde e contra a doença e a degeneração, é um todo empenhado em fazer da humanidade um composto de elementos sadios e felizes.

E' do grande Marañon esta frase: "Num futuro bem próximo, competirá ao médico, além da função genuína de curar, a missão eugénica de velar pela pureza e aperfeiçoamento da espécie humana".

O médico de qualquer especialidade, tem oportunidade, deste ou daquele modo, de trabalhar pelo sentido melhorista da humanidade, desde o que estuda as leis da saúde e da hereditariedade, o que investiga os problemas da constituição, temperamento e caráter, o que entra propriamente na parte clínica e terapêutica para cura dos doentes, como o que se dedica à profilaxia e à higiene, no seu vasto campo de ação.

As circunstâncias da vida moderna impelem o médico a intervir nas mais complexas questões de economia social, de justiça, do lar, na elaboração de leis, nos exames médico-legais, nas questões de responsabilidade criminal, de psicopatologia forense, de capacidade civil, e bem assim no setor da filantropia — atributo-mór do médico — na luta contra a dor, contra os grandes males que afligem os povos, tais como a sífilis, a tuberculose, o impaludismo, a lépra e os chamados males sociais, que tanto concorrem para a miséria, a loucura, e a dissolução da família e da sociedade.

Portanto, é natural e, antes de tudo, patriótico que os médicos acorram em massa à um chamado do Governo. Felizmente, não é necessário, ainda, que eles se afastem de suas ocupações diárias, afim de prestarem serviços nos quartéis ou nos campos de batalhas.

Entretanto, torna-se mister que, desde já, seja encetada uma campanha de mobilização dos médicos, afim de se preparar para qualquer eventualidade uma classe envolta pela bandeira da dignidade e do caráter. Além de socorrer aos feridos e os enfermos, nos teatros da guerra ou nos hospitais de sangue, tomam medidas preventivas contra as epidemias, mantendo nas cidades, nas vilas e nas povoações, envolvidas na luta, serviços sanitários indispensáveis. Tanto os cirurgiões, como os médicos e, também, os radiologistas, sanitaristas e outros especialistas, desempenham papel importantíssimo na guerra moderna.

No setor médico, não é prematuro pensar na organização de um cadastro da classe em todo o país, para prestar serviços de guerra, pois, não se deve admitir que marcaremos passo com a atitude assumida. Não! A nossa situação não deixa lugar para dúvidas. Achamo-nos enquadrados dentro de uma posição definida, ao lado dos demais países do continente, contra um inimigo que, ontem, destruiu seis dos nossos navios mercantes e a vida de dezenas de seus tripulantes e que, amanhã, pretenderá destruir a harmonia da nossa paz, o ritmo do nosso trabalho e a vida dos restantes filhos deste solo fecundo e grande.

Na hora atual, ante o novo drama, trágico e destruidor, que já se acha encenado para derrocada dos povos, é urgente a arregimentação de todas as forças vivas do país, afim de nos colocarmos em face de uma necessidade vital: a defesa da Pátria.

O Brasil precisa que cada um de seus filhos saiba cumprir o seu dever, isto é, mostrar ao mundo que não cogitamos aumentar o nosso território, mas que este jamais será retalhado. Milhões de brasileiros derramarão seu sangue por um pedaço deste solo que fôr tocado!

Muito embora não disponhamos de grandes forças armadas, contamos, numa população de 45 milhões de habitantes, com homens decididos e briosos, possuidores de uma moral alevantada e de um civismo ardente que, certamente, na luta contra as nações agressoras, empenharão as melhores energias na defesa d'nosso sagrado pavilhão, mostrando o seu idealismo verdadeiro, expansivo e viril.

Não se iludam aqueles que cobiçam as nossas riquezas. Saberemos defendê-las, mesmo que nos sejam exigidos os supremos sacrifícios.

A tragédia das trincheiras, dos céus e dos mares, invadiu todos os lares, levando a inquietação às consciências. Fomos atingidos pela hecatombe. Preparemo-nos, pois, para enfrentar com altivês, com coragem e com estoicismo, visando tão somente o amor que nutrimos pela terra que nos viu nascer, a angústia e a intranquilidade, a dôr e o sofrimento que possam surgir na próxima hora.